

LINHAS DE FUGA

por ALDO TAVARES

Imagem criada com a IA GPT Image 2



Mentiroso, um ator

Aproxima-se o primeiro turno. Pressinto o frio. Medo. Sinais indicam que a extrema direita será maioria. Enquanto isso, a inocência jornalística propaga Fato ou Fake, o que me faz lembrar Aristóteles com sua tabela da verdade, tão marcada pela dicotomia verdadeiro ou falso.

Para além dessa lógica identitária, o mentiroso é ator político que diz sem ser o que diz, em outros termos, o-que-diz-ser-não-é. O mentiroso, portanto, deixa à mostra o-que-é e, ao mesmo tempo, o-que-não-é. Não há dualismo. Não há dicotomia.

Não se trata, portanto, de haver separação entre “ser” (verdade) e “não-ser” (mentira), como o senhor Senso Comum tem o hábito de asseverar, porque o mentiroso mistura “ser” e “não-ser”, afinal, “o-que-diz-ser-não-é” e “o-que-não-diz-ser-é”. Ao falar às claras, o mentiroso oculta-se.

Traidor, eis o representante da mentira; é ele quem, além de deixar a realidade misturada, não deixa de ser a própria mistura no próprio rosto-palavra, sendo impossível saber se ele “é” ou se “não-é”. Os traços de sua face dizem a “verdade”, por isso uma massa de eleitores tende a se identificar com ele, pois o traidor fala a “verdade” com a intensa emoção de Amor por Deus, de Amor pela Pátria e de Amor pela Família, e com a intensa emoção de ódio pelo inimigo. Infantilizada, a massa é incapaz de perceber que o traidor ajusta a mentira à verdade.

Não existe fato ou fake, não há dualismo, já que o mentiroso, que se serve do fato, isto é, que se serve da representação, deixa sempre uma “verdade” para quem tende a acreditar em seu rosto-palavra. O traidor diz a “verdade”, na medida em que a mentira se ajusta à verdade ou o não-ser se ajusta ao ser. O traidor não é isso ou aquilo. Ele é, ao mesmo tempo, isso-e-aquilo, sendo nem um nem outro. Não há dualismo, e sim a graduação do mesmo ou a diferença do mesmo.

Sabemos: a realidade política só chega a nós pela linguagem, e essa realidade, para milhões de eleitores, já é mistura, o que significa afirmar que o fato (ou a representação), transmitido pela TV, “é-e-não-é”. Paradoxo.

Outra questão: a luta política entre polos antagônicos já colapsou a própria linguagem por causa da violência emitida por ela. Assim, estando a linguagem colapsada porque se serviram dela a fim de violentar, chegamos ao ponto em que a razão não encontra mais equilíbrio na própria linguagem, e precisamos de equilíbrio para que haja oposição enquanto qualificadora de ideias públicas. Chegamos ao insólito: não há oposição porque tudo é mistura.

Palavras perderam sentido. Apenas vigora o que é imposto por quem fala e, quando digo imposto por um Eu, a segunda violência – a corpórea – é a única resposta dos antagônicos por ser imediata, por ser direta, afinal, a intermediação entre mim e o outro, a linguagem, já é cadáver. Há anos, antagônicos chutam o cadáver.

Caso o senhor Senso Comum exija de mim dualismo, nego-o: a mentira é muito mais plástica do que a verdade, pois, na condição de “ser-e-não-ser”, a mentira não deixa de ser verdade, mas verdade outra da mesma verdade. A mentira diz a verdade.

Abro “Humano Demasiado Humano”: “306. Os médicos mais perigosos são os que, atores natos, imitam o médico nato com o perfeito dom de iludir”. Parafraseio Nietzsche: o político mais perigoso é o que, ator nato, imita o político nato com o perfeito dom de iludir. A extrema direita sempre soube iludir, soube sempre ser lúdica: jogar. Pressinto o frio no primeiro turno.

O marabaixo

chega aos palcos do Rio

Divulgação



Emília Moneiro conta que conheceu o marabaixo quando voltou a Macapá para visitar os pais

“A influência amazônica é a base da minha estrutura familiar, tanto afetiva quanto cultural e gastronômica”

EMÍLIA MONTEIRO

AFFONSO NUNES

Nós, brasileiros do Sul e Sudeste, podemos não ter muita familiaridade com os ritmos musicais da Região Norte, mas conhecemos o carimbó, a lambada e o marabaixo. Opa, marabaixo? Trata-se de um mo ancestral do Amapá, que nasceu nos terreiros dos quilombolas do baixo Amapá e costumava levar dias para terminar. Essa rica tradição musical amazônica chega ao estado com a cantora Emília Monteiro e seu show “Amazônica” que inicia nesta quarta-feira (30), às 19h, no Sesc Copacabana, seu gito pelo estado.

O espetáculo, contemplado pelo edital Sesc Pulsar, apresenta os ritmos tradicionais que Emília herdou de família amapaense e paraense: o marabaixo, o lundu, o batuque do Amapá e o carimbó. Do outro, a vertente urbana que hoje se chama Amazônia Pop, representada pela lambada, pelo brega e pelo tecnobrega — gêneros que, nos aniversários da Ilha do Marajó, costumam reunir mais milhares de corpos do que qualquer bloco de rua do centro-sul do país.

A cantora radicada em Brasília conta que conheceu o marabaixo, quando voltou a Macapá para visitar os pais. “Me deparei com o marabaixo... eu fiquei apaixonada por essa música. É m ritmo mais lento, como um lamento, mas é claro que, ao longo do tempo, se contemporaneizou e hoje não fala só das dores da época da escravidão”, explica ela.

No palco, a formação é de trio elétrico moderno: baixo, guitarra e bateria, amplificando o balanço. Emília criou, em 2016, o Bora Coisar, o primeiro e único bloco amazônico de Brasília.

Sua trajetória passa pelo disco “Cheia de Graça” (2013), gravado com o percussionista Nena Silva, remanescente do Quilombo do Curiaú, e pelas parcerias com lendas

do Norte. Emília é afilhada musical de Dona Onete, a dama do carimbó de Cametá, que gravou com ela e lhe cedeu canções — a dupla assina “Veneno de Cobra”, há anos feita clássico nas paradas de festivais de música amazônica.

Passaram também pelo seu universo Mestre Manoel Cordeiro, Mestre Aldo Sena, Gaby Amarantos, Felipe Cordeiro e Lia Sophia. Em 2026, Emília participou do disco “Te Dou um Norte”, de Manoel Cordeiro, na faixa “Pocoroco”, e prepara o lançamento de um novo EP sob direção do próprio mestre.

“A influência amazônica é a base da minha estrutura familiar, tanto afetiva quanto cultural e gas-

tronômica. A cultura amazônica forjou minha identidade pessoal, o que se estendeu para a música, naturalmente”, comenta a artista que, depois de Copacabana, segue segue com sua turnê fluminense nesta sexta-feira (2) no Sesc Niteroi.

SERVIÇO

EMÍLIA MONTEIRO - AMAZÔNICA

30/9, às 19
Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160 – Copacabana)
Ingressos: R\$ 15, R\$ 7,50 (meia), R\$ 13,50 (convênios), R\$ 11 (convênio empresário) e R\$ 10,50 (sócio Sesc)